

No Reino da Dinamarca

© Editora Moinhos, 2020.

© Herdeiros de Alexandre O'Neill.

Título original: No Reino da Dinamarca.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Karol Guerra

Revisão e Diagramação:

Editora Moinhos

Capa:

Otávio Campos e Arthur Daibert

Conversão para ePub:

Cumbuca Studio

1ª edição, Belo Horizonte, 2020.

Nesta edição, respeitou-se a edição original.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-8/9949

O58n

O'Neill, Alexandre

No reino da Dinamarca / Alexandre O'Neill.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2020.

94 p. ;

e-ISBN: 978-65-5681-016-4

1. Literatura portuguesa. 2. Poesia. I. Título.

2020-1261

CDD 869.108

CDU 821.134.3-1

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa: Poesia 869.108

2. Literatura portuguesa: Poesia 821.134.3-1

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

www.editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Facebook.com/EditoraMoinhos

Twitter.com/EditoraMoinhos

Instagram.com/EditoraMoinhos

Saudação a Alexandre O'Neill

1. O'Neill, meu O'Neill brasileiro

No ano da morte de Alexandre O'Neill, *O Estado de S. Paulo* publica um artigo intitulado “Adeus ao antipoeta português”. O autor do texto, Moacir Amâncio, destacava o facto de O'Neill, a par da maioria dos autores portugueses contemporâneos, não ser conhecido no Brasil, referindo ainda alguns dos tópicos mais frequentes sobre a sua poesia: o humor, os jogos verbais, a subversão dos lugares-comuns, a capacidade de surpreender o poético nas coisas inesperadas do quotidiano, para que o próprio epíteto de “antipoeta” no título deveria já apontar. Ainda antes desta notícia, O'Neill chegou a ser entrevistado em 1975, um ano e meio depois do 25 de abril, pelo jornal *O Pasquim*. Em “Uma Lição de Português”, O'Neill responde a uma série de perguntas relativas sobretudo ao impacto que o 25 de abril teria tido ou estaria a ter na literatura portuguesa, recordando ainda os tempos recentes da opressão e censura. A entrevista é sobretudo de cariz político, analisando o passado histórico mais recente de Portugal e apresentando ao leitor brasileiro, que vivia em plena época da Ditadura Militar, um país que estava ainda a aprender a ser democracia.

Não foi nem esta entrevista nem o obituário d'*O Estado de S. Paulo* que tornaram O'Neill mais conhecido e lido no Brasil. Já esta edição de *No Reino da Dinamarca* é uma boa oportunidade para que este poeta, leitor exemplar e assíduo da literatura brasileira, venha a ser mais conhecido e, sobretudo, lido pelos leitores brasileiros.

De facto, a relação de O'Neill com a literatura brasileira é estreita e revela-se muito cedo. Numa das suas primeiras entrevistas, para um jornal regional português, em 1944, ainda antes de ser oficialmente considerado um poeta surrealista, confessa a dívida que tem para com

a poesia brasileira: “– Cinjo-me apenas à presente e apenas a classifico com um adjetivo: enorme. Manuel Bandeira, Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Guilherme de Almeida e Ribeiro Couto são, para mim, as maiores figuras da poesia do Brasil” (O’Neill 2003: 30). Mais de três décadas depois, O’Neill reage da seguinte maneira à questão de a literatura brasileira ser para si um “importante ponto de referência”: “Sim. Mas não conheço a literatura brasileira tão bem quanto queria. É bom estarmos em contacto com a literatura do Brasil, não por qualquer sentimento, subconsciente ou inconsciente, mas que está ainda vivo, de paternalismo, mas pela sua qualidade e importância” (O’Neill 1977).

Na biblioteca particular de O’Neill, doada à Câmara Municipal de Constância e posteriormente integrada numa sala específica da Biblioteca Municipal, são vários os livros, com ou sem dedicatória, de escritores brasileiros. Mesmo sem acesso à biblioteca pessoal, podemos, através da leitura atenta da obra que publicou, poesia e crónicas, sobretudo, perceber como desde sempre o diálogo com a poesia brasileira foi profícuo. O louvor de Manuel Bandeira, por exemplo, em crónicas e no belíssimo poema “Alô, Vovô!”, de *De Ombro na Ombreira* (1969), deve-se ao ideal que o poeta pernambucano representa para O’Neill, um exemplo máximo de contenção verbal, nos antípodas da enxúndia poética, o pecado capital para qualquer poeta que se preze e em que algumas vezes o próprio O’Neill incorreu, como reconhece sobejamente ao longo da sua obra. Assim, O’Neill vai à poesia de Bandeira, e de outros, buscar a parcimónia, a simplicidade, a precisão e o encurtamento. Em 1959, um ano depois da publicação de *No Reino da Dinamarca*, O’Neill escreve “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, poema publicado no volume seguinte (*Abandono Vigiado*), em 1960. Esse poema, à semelhança de outros, constitui uma das suas artes poéticas em que faz o elogio do prosaico, não como característica contrária à poesia,

mas antes rejeitando a ideia da “linguagem poética como fuga ao significado e ao referente extra-linguístico” (Berardinelli 2003: 142).

A importância do Modernismo brasileiro no Surrealismo português e na sua geração é reconhecida várias vezes por O’Neill. Num texto intitulado “A marca do Surrealismo”, dá conta do contributo inestimável da leitura de Carlos Drummond de Andrade para os surrealistas portugueses, reconhecendo na sua poesia uma “proposta de desarticulação do discurso poético” (O’Neill 2008: 173). Jorge de Sena, por sua vez, no texto inacabado do prefácio a *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*, também fala do exemplo de libertação poética dos poetas brasileiros. Mais tarde, Helder Macedo, em “O Drummond português”, refere a influência da literatura brasileira na poesia que se fazia nos anos 40 e 50 em Portugal: “Tempo houve em que a melhor literatura portuguesa era brasileira” (Macedo 2007: 165). Considera O’Neill o “mais brasileiro dos jovens poetas portugueses que, à margem da literatura estabelecida, iam procurando as vias possíveis de um renovado modernismo” (Macedo 2007: 165).

Para além de leitor regular da literatura brasileira, e não só da poesia (veja-se a crónica “Vidas Secas”, em *Uma coisa em forma de assim*, que dedica à obra homónima de Graciliano Ramos), O’Neill foi um divulgador generoso das suas leituras. Nas crónicas tece algumas considerações críticas sobre as obras que lê, aquilo a que, com tendência para deflacionar, chama “palpites” ou “nota de leitura”. Também o seu trabalho como antologador é significativo e poucas vezes assinalado. Organiza os *Poemas Escolhidos* de João Cabral de Melo Neto, que saem em 1963 na coleção “Poetas de Hoje” da Portugália; e em 1969 sai a primeira edição de uma antologia de Vinicius de Moraes preparada por O’Neill. Na crónica “Vinicius nunca mais!”, O’Neill revela os motivos de admiração pela poesia de Vinicius e conta a história da antologia que organizou:

(...) vou tentar falar do Vinicius, que era como eu, com a diferença de ter mais dinheiro para comprar whisky, o que, verdade verdadinha, também não faz diferença por aí além. A poesia do Vinicius diverte-me

tanto que até fiz uma antologia dela. Nas primeiras edições, a antologia chamava-se *O Poeta Apresenta o Poeta*, que era o meu modo de dizer que um poeta não precisa de ser explicado. Mas como éramos (em princípio...) dois poetas em presença, as pessoas julgavam que era o O'Neill a explicar o Vinicius. Depois do 25 de Abril, a antologia passou a chamar-se, com maior sentido das oportunidades, *O Operário em Construção*, que é o título dum dos poemas. (O'Neill 2004: 97)

A relação de O'Neill com a literatura brasileira é relevante para compreender muito do seu projeto poético, sobretudo a partir de finais dos anos 50, nomeadamente depois da publicação de *No Reino da Dinamarca*, data de viragem na produção poética do autor.

2. O corvo benigno do Surrealismo português

É expectável que, no momento de apresentação de um autor, se responda à pergunta “Quem foi Alexandre O'Neill?”. O próprio escreveu vários autorretratos reveladores da sua personalidade literária. O primeiro dístico do poema “Caixadòclos”, de *Feira Cabisbaixa*, é um bom exemplo: “Patriazinha iletrada, que sabes tu de mim?/- Que és o esticalarica que se vê.” (O'Neill 2017: 249).

José Cutileiro, que o conheceu, descreveu-o, de forma lapidar, num verbete tão pessoal quanto despretensioso, publicado no *Dicionário de História de Portugal*. Nele, chama a atenção para a maneira como O'Neill encara a vida, determinante para a sua produção poética, como aliás o próprio reconhece no verso “conforme a vida que se tem o verso vem”, do poema “Autocrítica” de *Feira Cabisbaixa*.

Alexandre Manuel Vahia de Castro O'Neill de Bulhões nasceu, viveu e morreu em Lisboa. Foi um homem de esquerda, até no sentido que A. J. P. Taylor deu à expressão: ser de esquerda é ser *contra*. Foi contra a sua família de origem, contra as mulheres com quem casou, contra as empresas de publicidade que o empregaram, contra “os bétinhos e os pais deles”. Nunca teve paciência para fingimentos e faltava-lhe o jeito da sobrevivência. Fez sofrer quem tal não merecia e sofreu quando poderia ter-se poupado. Incorruptível, só era fiel às suas taras. Encapsulou num verso a angústia essencial dos seus compatriotas lúcidos: *Portugal, questão que eu tenho comigo mesmo (...)* (Cutileiro

1999: 194).

Contar a história de O'Neill na literatura portuguesa passa sempre pela referência à sua participação na “aventura” surrealista, constituindo com Mário Cesariny o centro do grupo, mas também pelo facto de cedo ter rompido com o Grupo Surrealista de Lisboa, na procura de uma fala mais clara e próxima do real, de quem preferiu “o *falar* ao imaginar” (O'Neill 2008: 174).

Contrariando a possível intenção do texto inaugural do *Tempo de Fantasma*, livro que antecede *No Reino da Dinamarca*, no qual O'Neill se despede formalmente dos tempos de fantasmas que teriam sido a aventura surrealista, Fernando Cabral Martins, em ensaio recente, comenta o lugar de O'Neill na literatura portuguesa, reconhecendo na recusa pessoal do Surrealismo uma atitude surrealista, ainda que de “um Surrealismo singular” (Martins 2017: 49). Um dos grandes problemas que O'Neill faz notar no “Pequeno Aviso do Autor ao Leitor” é o facto de a escola surrealista o ter tornado menos capaz de ver “os verdadeiros problemas do seu meio” (O'Neill 2017: 689), fomentando a tendência para a “ambiguidade (fuga do real) e um formalismo”, que, por sua vez, o teriam levado a “soluções de evidente mau gosto” (O'Neill 2017: 688). É essa capacidade de ver o real que lhe fazia falta, o que não significou uma adesão de O'Neill ao Neorrealismo. De alguma maneira, e voltando ao texto de Fernando Cabral Martins, o lugar de O'Neill poderia passar, se for mesmo necessário encontrar um lugar para ele, por uma mistura de realismo e surrealismo, uma poética de síntese, de que a expressão ‘abandono vigiado’ (título de um livro de O'Neill de 1960) é a fórmula” (Martins 2017: 57).

Em 1972, O'Neill publica o livro *Entre a Cortina e a Vidraça*, e nele encontramos o poema “Rua André Breton”, que pode ser lido como súplica da história da literatura de uma parte significativa do século XX português. O'Neill convoca para o poema os dois movimentos literários que marcaram o panorama literário português, a partir da

década de 30 do século XX: o Neorrealismo e o Surrealismo. Apesar da recusa de que fala, reconhece ainda os efeitos positivos do Surrealismo, sobretudo o seu impacto na pasmaceira literária e política que se vivia em Portugal naquela altura.

Deflagraste em nós na sempiterna circunstância: a pasmaceira.

E por pouco não nos chamaram de Os Franceses. Nas pequenotes a hora era (e agora?) a dos remorsos engajados. A imitação do isto, a gangazul, a variz da varina – pretextos e mais pretextos para lágrima-tinta – eram o trapo que comíamos ainda.

A rua André Breton está sempre a mudar de rua.

Entendidos, desentendidos, como, ó rapaz, mudámos, quando desfechaste o teu revólver de cabelos brancos sobre cada um de nós, os comedores de trapo!

Por uma questão de desgosto, desde então que desavindos com a vidinha!

(O'Neill 2017: 309)

Sob o signo de Breton, como diz O'Neill neste poema, foi possível extinguir-se alguma da pasmaceira que se vivia, nomeadamente em termos de liberdade criativa, à falta da possibilidade de nesta altura a liberdade se alargar ao plano social e político, vivendo-se então tempos de ditadura. O verbo “deflagrar” dá conta, de forma violenta, do impacto libertador do Surrealismo, numa altura em que os “remorsos engajados” dos Neorrealistas se faziam sentir, e que mais não conseguiam que imitar o “isto, a gangazul, a variz da varina”, com lágrimas falsas como efeito. Ainda que o Surrealismo tenha sido em Portugal um movimento de “desentendidos” e de pouca estabilidade nas relações interpessoais (“está sempre a mudar de rua”), não há dúvida de que provocou mudança, também ela com efeitos violentos, mas necessários, interrompendo ou abalando a circunstância *sempiterna* do marasmo nacional. Mesmo tendo chegado tarde a Portugal (“desfechaste o teu revólver de cabelos brancos”), o Surrealismo teve a mais-valia, desde então, de promover uma forma de reagir à pasmaceira, à “vidinha”, ao dia burocrático, ao “modo

funcionário de viver”, um dos versos famosos do poema mais antologado de Alexandre O’Neill, “Um adeus português”, de *No Reino da Dinamarca*.

Na incerteza de um epíteto adequado a O’Neill, a expressão “desavindos com a vidinha!”, no sentido de *ser do contra*, como referiu José Cutileiro no seu verbete, é capaz de ser uma boa síntese do seu percurso ético e literário. Entre o desavindo com o surrealismo e o apodo de poeta satírico, tendência também assinalada pela crítica, O’Neill terá sido sobretudo um poeta *desavindo com a vidinha*, na procura de uma vida mais verdadeira, como os poemas de *No Reino da Dinamarca* vêm mostrar.

3. No reino das palavras doentes

Em 1958, data de publicação de *No Reino da Dinamarca*, Jorge de Sena dá uma palestra na Livraria Guimarães para apresentar quatro obras de quatro poetas seus contemporâneos, entre elas este livro de O’Neill. No texto, mais tarde recolhido por Mécia de Sena em *Estudos de Literatura Portuguesa – II*, Sena refere-se a O’Neill nos seguintes termos: “com o seu ar peculiar de corvo benigno, é uma figura exótica cuja poesia é considerada por muitos uma lamentável traição ao surrealismo por que passou” (Sena 1988: 199). Considerando *No Reino da Dinamarca* “quase um livro de estreia”, Jorge de Sena é provavelmente o primeiro a notar que o Surrealismo de escola não é tão importante para O’Neill quanto aquilo a que chama justamente um “lirismo crítico”: “uma poesia da observação e do comentário das reacções do poeta às solicitações e hipocrisias do mundo que o rodeia” (Sena 1988: 203). Ora, a principal reação de *No Reino da Dinamarca* é sobretudo contra a “hipocrisia do sentimento e da inteligência poética” (Sena 1988: 203). Ainda neste mesmo texto, Sena assinala uma das questões mais marcantes da poética de O’Neill, referindo que a “admirável linguagem nova” que traz para a poesia portuguesa tem a mais-valia de falar “sem retóricas, nem humanitarismos pretensiosos,

de lágrimas ao canto do olho, mas não no coração” (Sena 1988: 204).

No início do século XXI, o poeta António Franco Alexandre, aludindo ao poema “Animais doentes”, de *No Reino da Dinamarca*, fala da doença que afetava a poesia portuguesa no início da segunda metade do século passado – “A meio do século passado já me apercebera, confusamente, que tanto ou mais do que eu estavam doentes as palavras” –, reconhecendo na poesia de O’Neill uma forma de ir “buscar saúde à linguagem” (Alexandre 2001). Neste editorial da revista *A Phala*, num número dedicado a Alexandre O’Neill, António Franco Alexandre considera que *No Reino da Dinamarca*, que hoje, pela primeira vez, se publica no Brasil, era já de si um importante diagnóstico da circunstância em que se vivia: “o destino como ‘solidão e mágoa’, o ‘quotidiano não’, a vida que ‘não vivemos’, a vizinhança do grotesco normal, do vil decente, e ainda, contudo, o beijo do ‘jovem amor que recebeu/mandado de captura ou de despejo’”. Para além desta lição, a poesia de O’Neill “mandava romper com ‘a poética poesia’, afastar os ‘cabeleireiros de palavras,/pirotécnicos do estupor’, lutar contra o ‘bonito’ para fazer ‘bom’”, numa referência a duas artes poéticas fundamentais de O’Neill: o poema já referido – “Saudação a João Cabral de Melo Neto” – e o poema “Bom e Expressivo”, de *Poemas com Endereço* (1962).

Ler *No Reino da Dinamarca* é uma oportunidade de perceber o diagnóstico e de testar a terapêutica, utilizando os termos de António Franco Alexandre. Também há algo de podre *No Reino da Dinamarca* de O’Neill, na óbvia alusão ao *Hamlet* de Shakespeare, não só do ponto de vista moral, mas também na forma como se escreve. Neste livro, o leitor pode procurar sair do reino da Dinamarca, tentando dar saúde às palavras doentes através da leitura de uma poesia sem concessões a falsas retóricas. Num pequeno ensaio de 1959, intitulado “poesia: uma data e um lugar”, publicado n’*O Comércio do Porto*, considerando que a poesia “deve ser pessoal e transmissível” (O’Neill 1959: 223) e que o público “está saturado de ‘poético’ e carente de

poesia”, O’Neill reconhece que cabe a quem escreve versos pensar no seu destinatário: “Contar com o público é principiar a tê-lo – e é preciso, é urgente ter honesta e habilmente público...” (O’Neill 1959: 224). E, na verdade, não faltam destinatários nos poemas de *No Reino da Dinamarca*, ainda que nem todos eles sejam explicitamente nomeados.

Um dos poemas que certamente aproximou os leitores da sua poesia foi “Um adeus português”, tendo O’Neill sido várias vezes apelidado de poeta de “Um adeus português”. O poema tornou-se famoso pela história pessoal que estava na sua origem, a do amor proibido entre o jovem Alexandre O’Neill, preso à “pequena dor à portuguesa”, e a escritora surrealista, de origem búlgara, Nora Mitrani, que pertencia a Paris, à “cidade aventureira/da cidade onde o amor encontra as suas ruas” (p. 41), ao contrário dos amantes de novembro (nome de outro poema deste mesmo livro), sem um quarto para o amor, vivendo um tempo sem amor nenhum.

“Um adeus português” tem em comum com vários poemas de *No Reino da Dinamarca* o facto de falar da impossibilidade do amor em tempos sujos, mas ao mesmo tempo mostrar a importância de apelar à procura do sonho, do amor, de uma vida que se oponha à *vidinha*. São vários os poemas que se dirigem a um “tu”, interpelando-o e incentivando-o a tentar fazer vencer o amor, os sonhos e a verdade. “Sigamos o cherne, minha Amiga!” (p. 36) é um apelo aparentemente insólito pela referência ao peixe, mas a leitura integral deste poema permite entender que só a satisfação do desejo amoroso poderá evitar solidão e mágoa. Neste como em outros, o eu do poema insurge-se contra a domesticação (não quer ser um revólver de trazer por casa), contra o amor vigiado, contra a “invenção atroz/A que chamam o dia-a-dia” (pp. 52-53). Os versos de amor (cf. “Poesia e propaganda”), da eventualidade do amor, são uma forma de dar saúde ao “dia sórdido/canino/policial” (p. 41), ao “tempo sujo” que se vive neste reino da Dinamarca.

Mas a saúde, para O’Neill, implica também a da linguagem que se usa na poesia. No poema “Animais doentes”, e depois de apresentar o diagnóstico, O’Neill deseja encontrar as palavras certas para *falar*. Mais do que garantir a perdurabilidade das mesmas, sempre lhe interessou *dizer o que devia dizer* e deter os momentos fugazes, sem visos de eternidade, aquilo a que chamou, numa crónica sobre o poeta Nicolau Tolentino, de “amarração ao efémero” (O’Neill 2008, 50): “Para dizer/Queria palavras tão reais como chamas/E tão precárias/Palavras que vivessem só o tempo de dizer a sua parte” (p. 74).

Em “Uma lição de poesia, uma lição de moral”, poema no qual a apóstrofe volta a estar presente, O’Neill saúda Paul Éluard, não por ser um notável poeta do movimento surrealista francês, mas por reconhecer na sua poesia um ideal ético-literário que lhe servirá de exemplo. Há, aliás, uma certa tendência para O’Neill procurar, em simultâneo, lições de poesia e de moral – termos contíguos no seu projeto poético – em vários dos poetas que admira, como são os casos dos já mencionados Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Neste poema dedicado à memória de Paul Éluard, de alguma maneira uma arte poética por interposta pessoa, O’Neill elogia a dicção do poeta francês, a par da atitude de compromisso com a verdade. Os três adjetivos que compõem o verso “Comunicativo bom inteligente” (p. 72) concentram as três qualidades poéticas e morais que O’Neill admira, nos antípodas do hermetismo e da poética alambicada.

Tua poesia abriu-se e hoje é comum
E transparente como os olhos das crianças
(...)

E numa extrema juventude e sob o peso
Precioso da simplicidade
Tudo disseste
Disseste o que devias dizer.
(p. 72-73)

A poesia de Éluard abriu-se e tornou-se comum, aquilo que O’Neill

também deseja fazer *No Reino da Dinamarca* e nos livros posteriores, abandonando ambiguidades e formalismos. A transparência e a simplicidade, por sua vez, também se revelam não no muito que se disse, mas na qualidade do que se falou: o “Tudo disseste” significa que se disse apenas o necessário. A par do estilo contido e simples, sublinha-se ainda um aspeto moral inequívoco: a importância do dever, da obrigação de dizer as coisas. De alguma maneira, todo o percurso poético de O’Neill é o de um poeta que tentou dizer aquilo que deve ser dito, frequentemente “por caminhos discretos preciosos serenos” (p. 34).

Num disco que acompanha o livro *Entre a Cortina e a Vidraça* (1972), O’Neill gravou um texto fundamental para compreender a sua personalidade literária. Considera neste texto que a palavra francesa *dégonfler* se adequa plenamente aos seus propósitos poéticos:

Que quis eu da poesia? Que quis ela de mim? Não sei bem. Mas há uma palavra francesa com a qual posso perfeitamente exprimir o rompante mais presente em tudo o que escrevo: *dégonfler*. Em português, traduzi-la-ia por *desimportantizar*, ou em certos momentos, por aliviar, aliviar os outros e a mim primeiro da importância que julgamos ter. Só aliviados podemos tirar o ombro da ombreira e partir fraternalmente, ombro a ombro, para melhores dias, que o mesmo é dizer para dias mais verdadeiros. É pouco como projecto? Em todo o caso, é o meu. (O’Neill 2017, pp. 694-695)

Partir fraternalmente à procura de melhores dias, ou seja, de dias mais verdadeiros, é o apelo que faz a alguns dos “tus” de *No Reino da Dinamarca*. Aliviar a importância que se tem é ainda a lição de O’Neill em duas artes poéticas deste livro, com dois destinatários específicos. Na primeira, dirige-se à musa-mosca Albertina e faz-lhe um pedido, que ela consinta o seu falhanço poético: “Albertina!, deixa-me em paz, consente/Que eu falhe neste papel tão branco e insolente/Onde belo e ausente um verso eu sei que está!” (p. 68-69); na segunda, fala ao poeta e aconselha-o a refrear a sua *hybris*, evidenciando os limites da criação literária e chamando a atenção para

o facto de que nem sempre se atingem os “índices de produtividade” (Tamen 2005: 11) que se ambicionam. Acertar um verso por ano já não é nada mau.

Remancha, poeta,
Remancha e desmancha
O teu belo plano
De escrever p’la certa.
Não há “p’la certa”, poeta!
Mas em todo o acaso acerta Nem que seja a um verso por ano...
(p. 76)

Em todo o caso, Alexandre O’Neill acertou vários versos por ano, e ao longo dos anos, dentro e fora do reino da Dinamarca. Sorte a nossa!

Joana Meirim
Lisboa, maio de 2020

Ao lado das citações de poemas de *No Reino da Dinamarca*, indico apenas a página da presente edição.

Esta expressão é utilizada por Miguel Tamen no ensaio “A poesia”, texto decisivo para ler melhor Alexandre O’Neill.

Bibliografia

Alexandre, António Franco, editorial de *A Phala*, nº. 88, setembro de 2001.

Berardinelli, Alfonso, “Os Confins da Poesia”, trad. de Osvaldo Manuel Silvestre, *Inimigo Rumor*, nº 14, 2003, pp. 138-145.

Cutileiro, José, “Bulhões, Alexandre Manuel Vahia de Castro O’Neill de”, *Dicionário de História de Portugal – Suplemento*, coordenação de António Barreto e Maria Filomena Mónica, Porto, Livraria Figueirinhas, 1999, pp. 193-194.

Macedo, Helder, “O Drummond Português”, *Trinta Leituras*, Lisboa, Editorial Presença, 2007, pp. 165-180.

Martins, Fernando Cabral, “À luz da ampola miraculosa”, in *E a minha festa de homenagem? Ensaios para Alexandre O’Neill*, org. Joana Meirim, Lisboa, Tinta-da-china, 2018, pp. 49-58.

O’Neill, Alexandre, “Conversando com Alexandre O’Neill”, entrevista de João Baptista Rosa, *A Planície*, nº. 22, 29 de outubro de 1944, in *Relâmpago – Revista de poesia*, n.º 13, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, outubro de 2003, pp. 29-30.

_____. “poesia: uma data um lugar”, *Estrada Larga. Antologia do suplemento “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*, Vol. 3, org. Costa Barreto, Porto, Porto Editora, 1960, pp. 223-226.

_____. “Alexandre O’Neill: a atracção pelos dicionários”, *Edição Especial*, 20 de novembro de 1977, entrevista a Francisco Dionísio Domingos, p. X.

_____. *Uma coisa em forma de assim*, ed. Maria Antónia Oliveira, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.

_____. “A marca do Surrealismo”, *Já cá não está quem falou*, ed. Maria Antónia Oliveira e Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, pp. 171-174.

_____. *Poesias Completas & Dispersos*, ed. e posfácio de Maria Antónia

Oliveira, Lisboa, Assírio & Alvim, 2017.

Sena, Jorge de, “Alguns poetas de 1958”, *Estudos de Literatura Portuguesa – II*, ed. Mécia de Sena, Lisboa, edições 70, 1988, pp. 197-204.

Tamen, Miguel, “A poesia”, introdução a *Poesias Completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

*Neste espaço a si próprio condenado
Dum momento para o outro pode entrar
Um pássaro que levante o céu
E sustente o olhar*

.....
*Com a tristeza acender a alegria
Com a miséria atear a felicidade
E no céu inocente da visão
Fazer pulsar um pássaro por vir
Fazer voar um novo coração*

O tempo faz caretas

Visto que não há regresso
E o tempo está de mau cariz,
Viremos o dia do avesso
Para ver como é, primeiro.

A carranca dum velho ou o traseiro
Prazenteiro dum petiz?

Se...

Se é possível conservar a juventude
Respirando abraçado a um marco do correio;
Se a dentadura postiça se voltou contra a pobre senhora
[e a mordeu
Deixando-a em estado grave;
Se ao descer do avião a Duquesa do Quente
Pôs marfim a sorrir;
Se Baú-Cheio tem acções nas minas de esterco;
Se na América um jovem de cem anos
Veio de longe ver o Presidente
A cavalo na mãe;
Se um bode recebe o próprio peso em aspirina
E a oferece aos hospitais do seu país;
Se o engenheiro sempre não era engenheiro
E a rapariga ficou com uma engenhoca nos braços;
Se reentrante, protuberante, perturbante,
Lola domina ainda os portugueses;
Se o Jorge (o «ponto» do Jorge!) tentou beber naquela noite
O presunto de Chaves por uma palhinha
E o Eduardo não lhe ficou atrás
Ao sair com a lagosta pela trela;
Se «ninguém me ama porque tenho mau hálito
E reviro os olhos como uma parva»;
Se Mimi Travessuras já não vem a Lisboa
Cantar com o Alberto...

... Acaso o nosso destino, tac!, vai mudar?

Meditação na pastelaria

*Por favor, Madame, tire as patas,
Por favor, as patas do seu cão
De cima da mesa, que a gerência
Agradece.*

Nunca se sabe quando começa a insolência!
Que tempo este, meu Deus, uma senhora
Está sempre em perigo e o perigo
Em cada rua, em cada olhar,
Em cada sorriso ou gesto
De boa-educação!

A inspecção irónica das pernas,
Eis que os homens sabem oferecer-nos,
Inspeção demorada e ascendente,
Acompanhada de assobios
E de sorrisos que se abrem e se fecham
Procurando uma fresta, uma fraqueza
Qualquer da nossa parte...

Mas uma senhora é uma senhora.
Só vê a malícia quem a tem.
Uma senhora passa
E ladrar é o seu dever – se tanto for preciso!

*

O pó de arroz:
Horível!

O bâton:

Igual!

O amor de Raul é já uma saudade,
Foi sempre uma saudade...

(O escritório

Toma-lhe todo o tempo?

Desconfio que não...)

Filhos tivemos um:

Desapareceu...

E já nem sei chorar!

*

Chorar...

Como eu queria poder chorar!

Chorar encostada a uma saudade

Bem maior do que eu,

Que não fosse esta tristeza

Absurda de cada dia:

Unha

Quebrada de melancolia...

Perdi tudo, quase tudo...

Hoje,

Resta-me a devoção

E este pequeno inteligente cão.

Por favor, Madame, tire as patas,

Por favor, as patas do seu cão

De cima da mesa, que a gerência

Agradece.

Ao rosto vulgar dos dias

Monstros e homens lado a lado,
Não à margem, mas na própria vida.

Absurdos monstros que circulam
Quase honestamente.

Homens atormentados, divididos, fracos.
Homens fortes, unidos, temperados.

*

Ao rosto vulgar dos dias,
À vida cada vez mais corrente,
As imagens regressam já experimentadas,
Quotidianas, razoáveis, surpreendentes.

*

Imaginar, primeiro, é ver.
Imaginar é conhecer, portanto agir.

O tempo sujo

Há dias que eu odeio
Como insultos a que não posso responder
Sem o perigo duma cruel intimidade
Com a mão que lança o pus
Que trabalha ao serviço da infecção

São dias que nunca deviam ter saído
Do mau tempo fixo
Que nos desafia da parede
Dias que nos insultam que nos lançam
As pedras do medo os vidros da mentira
As pequenas moedas da humilhação

Dias ou janelas sobre o charco
Que se espelha no céu
Dias do dia-a-dia
Comboios que trazem o sono a resmungar para o trabalho
O sono centenário
Mal vestido mal alimentado
Para o trabalho
A martelada na cabeça
A pequena morte maliciosa
Que na espiral das sirenes
Se esconde e assobia

Dias que passei no esgoto dos sonhos
Onde o sórdido dá as mãos ao sublime
Onde vi o necessário onde aprendi

Que só entre os homens e por eles
Vale a pena sonhar.

Inventário

*Uma palavra que se tornou perigosa
Um marinheiro dum país «amigo»
Uma pobre mulher tuberculosa
E a mulher orgulhosa que persigo*

*A velhinha que passa de buíque
Um incêndio prestes a romper
E as ruas as ruas onde vi
O que ainda não sei ver*

*Uma praia elegante um estendal
De belos corpos indolentes
E as últimas mentiras dum jornal
A propósito de factos recentes*

*Um senhor absolutamente sério
Um doutor que esteve por um triz
P'ra fazer parte dum novo ministério
E um velho muito velho que nos diz*

*Avesso à multidão aos seus gritos de louca
Tenho contudo um grande amor ao Homem
Mas cuidado Uma ideia não vive sem o pão da boca
Por aquilo que não sou não quero que me tomem*

*Outro senhor absolutamente honesto
Ainda a velhinha do buíque
E o velho muito velho diz o resto
Diz o resto e é para que fique*

Meu lema é conhecido minha voz muito menos
Mas o que digo chega ao vosso coração
Por caminhos discretos preciosos serenos
Como um selo raro a uma colecção

(E num silêncio que toda a gente ouvia

Só a mosca deu sinal de si

Dizendo com graça e ironia

Ó Cesário Verde como eu queria

Que estivesses aqui!)

*image
not
available*

até ao dia que não vem da promessa
puríssima da madrugada
mas da miséria de uma noite gerada
por um dia igual

Não podias ficar presa comigo
à pequena dor que cada um de nós
traz docemente pela mão
a esta pequena dor à portuguesa
tão mansa quase vegetal

Não tu não mereces esta cidade não mereces
esta roda de náusea em que giramos
até à idiotia
esta pequena morte
e o seu minucioso e porco ritual
esta nossa razão absurda de ser

Não tu és da cidade aventureira
da cidade onde o amor encontra as suas ruas
e o cemitério ardente
da sua morte
tu és da cidade onde vives por um fio
de puro acaso
onde morres ou vives não de asfixia
mas às mãos de uma aventura de um comércio puro
sem a moeda falsa do bem e do mal

*

Nesta curva tão terna e lancinante
que vai ser que já é o teu desaparecimento
digo-te adeus

*image
not
available*

Nos braços da cidade?
Coleccionámos gente, rostos simples, frases
De nenhum valor para além do mistério
Também simples do nosso amor.
Inventámos destinos, cruzámos vidas
Feitas de compacta vontade,
De dura necessidade, rostos frios
Possuídos por uma ausência atroz,
Corpos extenuados mas sem nenhum sono para dormir,
Olhos já sem angústia, sem esperança, sem qualquer
Pobre resto de vida!
Seguimos a alegria das crianças, agressiva
Como o carvão riscando uma parede,
Aprendemos a rir (oh que vergonha!...)
Com a gente «ordinária », e calados
Descemos até ao rio – e ali ficámos
A ver!

*O amor continua muito alto,
Muito acima, muito fora
Da vida, muito raro
E difícil: maravilhoso
Quando devia ser fiel.
Fiel em cada dia,
Paciente e natural em cada dia,
Profundo e ao mesmo tempo aéreo,
Verde e simples,
Como uma árvore!*

Ganhámos juntos o que perdemos separados:
A luz incomparável, esta luz quase louca
Da primavera, esta gaivota

*image
not
available*

E de dourar

O «problema» de cada dia...

Mas não só a dúvida e o erro,

O coração entornado, a cabeça perdida

Entravam nos nossos dias.

Porém

Tratava-se de realizar.

«Realizar»: fazer passar

Para a realidade,

Pôr em prática sonhos,

Ideias, teorias.

Por exemplo: a indústria,

A agricultura realizam

Certas teorias

Químicas, físicas,

Biológicas.

Por exemplo: hoje

Estão a ser realizados

Os mais velhos

Sonhos do homem.

Por exemplo – mais pessoal

Mas não menos importante:

Em ti

Via realizados os meus sonhos!

*image
not
available*

Escrevo o teu nome a meu favor e contra
Esta noite este murmúrio esta invenção atroz
A que chamam o dia-a-dia
Estas quatro minúsculas patas
Venenosas da angústia

Escrevo o teu nome cruel
Puro e definitivo.

*image
not
available*

O beijo

Congresso de gaivotas neste céu
Como uma tampa azul cobrindo o Tejo.
Querela de aves, pios, escarcéu.
Ainda palpitante voa um beijo.

Donde teria vindo! (Não é meu...)
De algum quarto perdido no desejo?
De algum jovem amor que recebeu
Mandado de captura ou de despejo?

É uma ave estranha: colorida,
Vai batendo como a própria vida,
Um coração vermelho pelo ar.

E é a força sem fim de duas bocas,
De duas bocas que se juntam, loucas!
De inveja as gaivotas a gritar...

*image
not
available*

– Albertina!, eu quero um verso que não há!...

*

Conjugal, provocante, moreno e azulado,
O insecto levanta, revoluteia, desce
E, em lugar do verso que não aparece,
No papel se demora como um insulto alado.
E o poeta sai de chofre, por uns tempos desalmado...

*image
not
available*

À esperança que é «um boi a lavrar um campo»
E que é «um facho a lavrar o olhar»

Andaste triste mas não foste a tristeza
Sofreste muito mas não foste a dor
Amaste imenso e eras o amor

Cantaste a beleza proferiste a verdade
Encontraste não uma mas a razão de ser
Compreendeste a palavra felicidade

E numa extrema juventude e sob o peso
Precioso da simplicidade
Tudo disseste

Disseste o que devias dizer.